



A PSICOPEDAGOGIA COMO FATOR DE INFLUÊNCIA NA INCLUSÃO E NA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO

Sheila Maria Muniz

Pedagoga, Psicopedagoga, Mestranda em Educação Brasileira – UFC; BOLSISTA Funcap;
E-mail: sheylamuniz@hotmail.com

Tania Vicente

Psicóloga, Mestre e Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará – UFC; Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC); E-mail: taniaviana@secrel.com

Rita de Fátima Muniz

Historiadora, Psicopedagoga, Doutoranda em Educação Brasileira – UFC; BOLSISTA Funcap;
E-mail: ritamunizjijoca@gmail.com

Jefferson Falcão Sales

Licenciado em Filosofia – UECE; Psicopedagogo, Mestre em Educação – UECE; Doutorando em Educação Brasileira – UFC; Professor da Educação Básica e Superior; Email: salesjf.professor@gmail.com

RESUMO

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é considerado uma síndrome de criterioso diagnóstico. Constitui uma condição crônica com dificuldades no desenvolvimento que podem ser observadas aos 3 anos de idade e persistem por toda a vida. Este estudo tem como finalidade refletir sobre a atuação do psicopedagogo no processo de avaliação da aprendizagem e inclusão educacional do aluno autista, a fim de incentivar o desenvolvimento de suas potencialidades. Foram utilizados, no estudo bibliográfico, os aportes teóricos de autores que abordam a temática, como Bossa (2000), Carvalho e Cuzin (2008), Cunha (2000), dentre outros. O psicopedagogo pode colaborar de modo decisivo na inclusão escolar do aluno com autismo, atuando para o desenvolvimento da sua linguagem, das relações sociais e da aprendizagem.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro do Autismo. Psicopedagogia. Avaliação Educacional.

ABSTRACT

Autism spectrum disorder is considered a syndrome that requests an accurate diagnosis. It is a chronic condition with difficulties in development which can be observed by the age of 3 and



persist for a lifetime. The purpose of this paper is to reflect on the psychopedagogists' performance concerning assessment of learning and educational inclusion for students with autism spectrum disorder, in order to motivate the development of their potentialities. Swelling (2000), Carvalho and Cuzin (2008), Cunha (2000), among others proposed a theoretical framework to this study. Psychopedagogists can collaborate in a decisive way on the school inclusion of students' with autism, acting for the development of their language, their social relationships and their learning.

Key-words: Autism spectrum disorder. Psychopedagogy. Educational Assessment.

Introdução

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é uma síndrome comportamental com etiologias múltiplas, sendo um transtorno invasivo do desenvolvimento, caracterizado por um déficit na interação social visualizado pela dificuldade em relacionar-se com o outro. Usualmente combinado com déficits de linguagem e de alteração comportamental, apresenta, ainda, “[...] funcionamento anormal em todas as áreas de interação social, comunicação e comportamento restritivo e repetitivo” (OMS/CID-10, 1997, p. 247). Essa síndrome acompanha o indivíduo por toda a sua existência, aparecendo, tipicamente, nos três primeiros anos de vida. A incidência é de vinte entre cada dez mil nascidos vivos, sendo quatro vezes mais comum em meninos que em meninas. (GAUDERER, 1993).

Pode ocorrer em qualquer classe social, raça ou cultura, sendo que cerca de 65% a 90% dos casos estão associados à atraso intelectual. “Por ainda não ter uma causa específica definida, é chamado de síndrome. Trata-se de uma temática controversa, pois nela se entrecruzam aspectos de natureza biológica e psicológica.” (PEREIRA, 1996, p. 23). As crianças au-

ORGANIZADORES

MARIA ISABEL FILGUEIRAS LIMA CIASCA • RAIMUNDO HÉLIO LEITE • JOCYANA CAVALCANTE DA SILVA • LUCAS MELGAÇO DA SILVA
NÁGILA RABELO DE LIMA • MARIA AUREA • MONTENEGRO ALBUQUERQUE GUERRA • PABLO CARVALHO DE SOUSA NASCIMENTO
RITA DE FÁTIMA MUNIZ • VERA LÚCIA PONTES JUVÊNCIO



tistas de alto funcionamento (perfil cognitivo diferenciado em algumas das áreas de testes padronizados) representam 30% dos casos diagnosticados (GADIA; ROTTA; TUCHMAN, 2004; BOSA, 2002). O Transtorno do Espectro do Autismo ainda é um enigma, pois estamos falando na “[...] existência de uma inteligência biológica normal, mas impedida de se desenvolver dentro da criança com autismo”. (PEREIRA, 1996, p. 24).

Variados fatores se sobressaem como sendo comuns nas crianças diagnosticadas com TEA, mas nenhum deles prediz esse transtorno em si. E como ainda não existe um exame específico que possa detectar a sua origem, o diagnóstico é realizado com base em sinais e sintomas apresentados pelo sujeito, dentre os quais se destacam: i) anormalidades no ritmo do desenvolvimento e na aquisição de habilidades físicas, sociais e de linguagem; ii) respostas anormais aos sentidos: o autista pode ter uma combinação qualquer dos sentidos (visão, audição, olfato, equilíbrio, dor e paladar); a maneira como a criança equilibra o seu corpo pode ser também inusitada; iii) ausência ou atraso de fala ou de linguagem; iv) modo anormal de relacionamento com pessoas, objetos, lugares ou fatos. (ASA - AUTISM SOCIETY OF AMERICA, 2002).

Todos os estudos apontam que o ideal seja a intervenção o mais precocemente possível, não existindo uma idade específica para iniciá-la, embora se observe uma tendência para os 12 e 18 meses. Correia (1998) afirma que a intervenção precoce no autismo consiste em atuar para atenuar os efeitos da sintomatologia, a fim de que causem menos impacto na vida da criança. Com o tempo, os comportamentos tendem a se cristalizar, tornando a intervenção mais demorada ou ineficaz. Vale ressaltar que, muitas vezes, o acompanhamento precoce não ocorre, em função da demora do diagnóstico: embora o diag-



nóstico ideal seja o realizado antes dos três anos de idade, este costuma ocorrer, de modo geral, em torno dos quatro anos, e, em muitos casos, somente aos cinco anos ou mais. (DOURADO, 2012; SURIAN, 2010).

Nessa perspectiva interventiva, abordaremos o papel da escola, onde residem significativos esforços para o processo de inclusão, incluindo a avaliação da aprendizagem da criança com TEA no Ensino Regular, com o intuito de trabalhar suas potencialidades. Para tanto, pedagogos, psicopedagogos e demais profissionais envolvidos se utilizam de métodos e técnicas especializados¹, almejando promover a real inclusão social dessa criança.

Quando a inclusão é realizada de maneira sistemática, organizada e planejada, respeitando-se as peculiaridades de ambas as partes (sistema educacional de ensino e aluno com autismo), os resultados são satisfatórios para todos. Os benefícios da inclusão podem ser sentidos tanto pelas pessoas que serão incluídas, quanto pela sociedade de maneira geral.

A psicopedagogia

De acordo com Marques (2000, p. 40), o TEA é uma síndrome que provoca dificuldades no desenvolvimento global, tornando-se necessária uma intervenção abrangente, que focalize quatro áreas: comunicação, resposta social, proces-

¹ Um dos métodos mais difundidos mundialmente é o *Tratamento e Educação para Crianças Autistas e com Distúrbios Correlatos da Comunicação (TEACCH)*; foi idealizado e desenvolvido pelo Dr. Eric Schoppler. Também poderia ser citada a *Análise Aplicada do Comportamento (ABA)*; trata-se de ensinar à criança habilidades que ela não possui, por meio de etapas e o *Sistema de Comunicação Através da Troca de Figuras (PECS)*, que tem como objetivo ajudar as crianças e adultos autistas ou com outros transtornos de desenvolvimento a adquirir habilidades de comunicação (MISSEL; FONSECA, 2004).

ORGANIZADORES

MARIA ISABEL FILGUEIRAS LIMA CIASCA • RAIMUNDO HÉLIO LEITE • JOCYANA CAVALCANTE DA SILVA • LUCAS MELGAÇO DA SILVA
NÁGILA RABELO DE LIMA • MARIA AUREA • MONTENEGRO ALBUQUERQUE GUERRA • PABLO CARVALHO DE SOUSA NASCIMENTO
RITA DE FÁTIMA MUNIZ • VERA LÚCIA PONTES JUVÊNCIO



samento da informação e desenvolvimento das competências cognitivas. Ainda segundo o referido autor, “o padrão dessas características resulta normalmente num perfil individual que exige considerações avaliativas muito especiais e influencia de forma comprometedora todo o processo de aprendizagem”. Acrescenta-se que, devido às suas características peculiares, as pessoas autistas costumam apresentar atraso intelectual, com a conseqüente necessidade de um acompanhamento especializado. (GADIA; ROTTA; TUCHMAN, 2004).

“Ao conjunto de determinadas variações, chama-se de Espectro do Autismo, com ênfase nas dificuldades de comunicação e de adaptação social, os movimentos estereotipados e repetitivos e ao bom potencial intelectual em áreas restritas.” (RIVIERE, 1997, citado por COELHO, 2003, p. 4), pois somam-se as características autísticas, outras específicas² de cada grupo de outros sintomas.

Bossa (2000) assevera que a Psicopedagogia é entendida como uma área de aplicação que antecede o *status* de área de estudos, a qual tem procurado sistematizar um corpo teórico próprio, definir o seu objeto de estudo, delimitar o seu campo de atuação, e, para isso, recorre à Psicologia, à Psicanálise, à Linguística, à Fonoaudiologia, à Medicina, à Pedagogia, dentre demais áreas afins. É uma área de estudos de aplicação específica, uma vez que cria seu próprio objeto de estudo e delimita seu campo de atuação no que diz respeito a: aprendizagem humana; como ocorre o processo de aprendizagem, suas variações e os fatores implicados; como ocorrem as alterações na aprendizagem e como preveni-las ou tratá-las. Nessa perspecti-

² O Transtorno do Espectro do Autismo envolve limitações das relações sociais, da comunicação verbal e não verbal e da variedade dos interesses e comportamentos. Existem diagnósticos específicos do Espectro do Autismo, como os de Asperger e de Rett (DSM IV-R, 2000, citado por Ozonoff et al., 2003, p. 27).



va, “A Psicopedagogia é uma nova área de atuação profissional que busca uma identidade, e que requer uma formação de nível interdisciplinar, o que já é sugerido no próprio termo Psicopedagogia”. (BOSSA, 2000, p. 31).

Ainda de acordo com a referida autora, o objeto de estudo da Psicopedagogia é, portanto, um sujeito a ser estudado por outro sujeito. Com isso, a prática psicopedagógica passa a basear-se no resultado da interação entre psicopedagogo e aprendente, em que as respostas serão utilizadas como base de elaboração da atuação profissional do psicopedagogo.

Como a relação social da criança com autismo é um tanto precária, e muitas delas não têm noções de regras e nem de limites, é preciso estabelecer essas regras e limites no trabalho com essas crianças, a fim de poder auxiliá-los a lidar com algumas dificuldades. Entretanto, ainda que o estabelecimento de regras claras seja útil, urge igualmente aprender como fazer amigos, entender os sentimentos e pensamentos das demais pessoas. Essas habilidades, com efeito, são aprendidas por meio de vivências e interação, porém aprender a interagir com outras pessoas é uma tarefa árdua para o autista, e o psicopedagogo pode promover meios para que isso aconteça. (BARON-COHEN, 1993; HOWLIN, 1987).

Bossa (2000) afirma que a aprendizagem é fruto da história de cada sujeito e das relações que ele consegue estabelecer com o conhecimento ao longo da vida. Com isso, a autora nos dá embasamentos para encarar a aprendizagem como algo que vai sendo construído ao longo de nossa caminhada, no decorrer das nossas experiências, de modo a se viver da forma mais autônoma e independente possível.

Para Weiss (2008), a prática psicopedagógica deve considerar o sujeito como um ser global, composto pelos aspectos

ORGANIZADORES

MARIA ISABEL FILGUEIRAS LIMA CIASCA • RAIMUNDO HÉLIO LEITE • JOCYANA CAVALCANTE DA SILVA • LUCAS MELGAÇO DA SILVA
NÁGILA RABELO DE LIMA • MARIA AUREA • MONTENEGRO ALBUQUERQUE GUERRA • PABLO CARVALHO DE SOUSA NASCIMENTO
RITA DE FÁTIMA MUNIZ • VERA LÚCIA PONTES JUVÊNCIO



orgânico, cognitivo, afetivo, social e pedagógico. Logo, estando o psicopedagogo em uma escola, deverá também auxiliar na inclusão do autista na aceitação das demais crianças em relação à pessoa com autismo, pois essa reciprocidade é necessária para que a inclusão seja completa. Deve-se ter em mente que o psicopedagogo “[...] é responsável em conciliar as inesperadas situações que podem surgir como interferência no processo de ensino-aprendizagem”. (CARVALHO; CUZIN, 2008).

Ainda de acordo com Carvalho e Cuzin (2008), o psicopedagogo deve trabalhar visando sempre à minimização das limitações e à maximização das potencialidades do sujeito. Seguindo essa linha de atuação profissional, o psicopedagogo passaria a trabalhar com o objetivo de proporcionar ao indivíduo subsídios para que ele construa uma *escada* rumo à aquisição do seu processo de aprendizagem, no qual as potencializações fossem mais significativas que as limitações. Nesse ínterim, também se faz necessário trabalhar esse equilíbrio entre potencialidade, limitação e aprendizagem, sabendo equacionar, no ato da avaliação, como esse aluno está do ponto de vista pedagógico.

De acordo com Bossa e Alves (2000, p. 1), a Psicopedagogia é um campo no qual floresceu o conceito de sujeito autor. “[...] É uma área de estudo interdisciplinar que olha para o sujeito como um todo no contexto no qual está inserido, que estuda os caminhos do sujeito que aprende e apreende, adquire, elabora, saboreia e transforma em saber o conhecimento”.

O aluno com TEA tem uma significativa dificuldade em enquadrar-se nessa concepção de “sujeito-autor”, aquele que constrói seu pensamento, faz-se presente através de um “corpo” que sente, existe, ama e proclama sua liberdade de ser, de estar e viver, características estas difíceis de serem incorporadas pelo autista (ANDRADE, 2002). Cunha (2012, p. 100) re-



força que “não podemos educar sem atentarmos para o aluno na sua individualidade, no seu papel social na conquista da sua autonomia”.

Diante do exposto, observa-se que a atuação do psicopedagogo frente ao aluno autista é um tanto complexa, sendo necessário que o profissional esteja capacitado para trabalhar com as peculiaridades que a síndrome ocasiona. Nesse sentido: “É básico que a programação psicopedagógica a ser traçada para estas crianças esteja centrada em suas necessidades.” (BEREOHFF, 1991, s/p). O psicopedagogo deve ter consciência de seu papel e responsabilidade profissional e social, e deve, sobretudo, respeitar, prezar e zelar por cada vida que for colocada sob seus cuidados, lembrando que cada ser é único e que cada um possui singularidades e limites que precisam ser respeitados.

O psicopedagogo na escola regular

Abordar este tema é de fundamental importância. É necessário mostrar que essas crianças podem efetivamente aprender e se relacionar com a sociedade. E, para que isso aconteça, as crianças com autismo deverão estar em escolas regulares inclusivas³ e não segregadas ou isoladas em escolas especiais. Segundo Mittler (2003, p. 25), a escola deve “[...] garantir o acesso e participação de todas as crianças em todas as possibilidades de oportunidades oferecidas pela escola e impedir a segregação e o isolamento.” Portanto, não é suficiente

³ A Educação Inclusiva garante o cumprimento do direito constitucional de qualquer criança a acesso ao Ensino Fundamental, posto que pressupõe uma organização pedagógica das escolas de ensino regular que atendam às diferenças entre alunos, sem discriminações indevidas, beneficiando a todos com o convívio e crescimento na diversidade. (BRASIL, 2004).

ORGANIZADORES

MARIA ISABEL FILGUEIRAS LIMA CIASCA • RAIMUNDO HÉLIO LEITE • JOCYANA CAVALCANTE DA SILVA • LUCAS MELGAÇO DA SILVA
NÁGILA RABELO DE LIMA • MARIA AUREA • MONTENEGRO ALBUQUERQUE GUERRA • PABLO CARVALHO DE SOUSA NASCIMENTO
RITA DE FÁTIMA MUNIZ • VERA LÚCIA PONTES JUVÊNCIO



que as crianças autistas estejam matriculadas nas escolas comuns, porém, que estejam participando e usufruindo de todas as possibilidades que a escola oferece aos seus alunos, de forma indistinta.

Sob esse prisma, Branco e Glat (2007, p. 17), defendem que:

Uma escola ou turma considerada inclusiva precisa ser, mais do que um espaço para convivência, um ambiente onde ele aprenda os conteúdos socialmente valorizados para todos os alunos da mesma faixa etária. O objetivo desta proposta é a possibilidade de ingresso e permanência do aluno na escola com sucesso acadêmico, e isso só poderá se dar a partir da atenção às suas peculiaridades de aprendizagem e desenvolvimento.

Entre os vários instrumentos que podem auxiliar nesse aspecto, destaca-se o *Programa da Escala Portage do Desenvolvimento*, que “[...] permite a avaliação nas áreas de linguagem, cognição, cuidados próprios, socialização e motora, fornecendo a idade de desenvolvimento em cada uma destas áreas e uma idade de desenvolvimento geral”. (GAUDERER, 1993, p. 82).

Mas, mesmo com esses aparatos, a escola ainda encontra significativas dificuldades para lidar com os alunos com TEA, o que culmina na dificuldade para a construção de instrumentos precisos e adequados ao processo de avaliação. Devem-se considerar as deficiências de interação, comunicação e linguagem, bem como as alterações da atenção e do comportamento que podem apresentar essas crianças.

Conforme destaca Bonora (2010, p. 27), a escola deve ser:

Um local onde qualquer aluno consiga desenvolver seu potencial e superar seus limites. Através do psicopedagogo, a eliminação de barreiras e a criação de estra-



tégias que muitas vezes são simples e fazem parte da estratégia de ensino utilizado pelo professor irá possibilitar que o currículo escolar atenda a todos os alunos.

O psicopedagogo poderá exercer o papel de facilitador, funcionando como intermediário nas questões sociais, de linguagem e avaliação da aprendizagem desses alunos. O objetivo é mediar, junto ao alunado no espectro do autismo, como participar das atividades sociais, como se relacionar com crianças da sua idade e o que esperar dela em cada situação. Em alguns momentos, é necessário traduzir a informação auditiva (ordens verbais) em informações visuais, apontando ou mostrando figuras relacionadas com o que foi dito. (CARVALHO; CUZIN, 2008).

A criança com TEA geralmente tem dificuldades em se relacionar e interagir com as demais pessoas. Tal fato acaba ocasionando um comprometimento no seu desenvolvimento afetivo e social, apresentando quadros de desinteresse ou imparcialidade quanto às emoções, não procurando compartilhar momentos de diversão ou mesmo mostrando desinteresse em se relacionar com as demais pessoas. As dificuldades na interação social podem se manifestar através de uma inadequação do comportamento e das manifestações de afeto, um isolamento, uma esquiva do contato visual, uma completa falta de interação com o outro, uma indiferença afetiva e uma falta de empatia social. (GADIA, 2004; ROTTA; TUCHMAN, 2004).

No que se refere à linguagem, Laznik-Penot (1997, p. 16) observou que as repetições, nos autistas, apresentavam um caráter rígido e estereotipado. Para a referida autora, “essas repetições consistem num esvaziamento do ato, de tudo o que é de um valor pré-simbólico, restando apenas vestígio de um trabalho humano que apenas começou a acontecer”.

ORGANIZADORES

MARIA ISABEL FILGUEIRAS LIMA CIASCA • RAIMUNDO HÉLIO LEITE • JOCYANA CAVALCANTE DA SILVA • LUCAS MELGAÇO DA SILVA
NÁGILA RABELO DE LIMA • MARIA AUREA • MONTENEGRO ALBUQUERQUE GUERRA • PABLO CARVALHO DE SOUSA NASCIMENTO
RITA DE FÁTIMA MUNIZ • VERA LÚCIA PONTES JUVÊNCIO



Schwartzman e Júnior (1995) apontam, na educação do aluno autista, a importância de que o professor promova interações dessas crianças com as demais crianças no ensino regular. Os autores acreditam que o autista é favorecido pelos modelos oferecidos pelas crianças do Ensino Regular e pela quantidade de estimulação que esse ambiente escolar propicia. Essa seria uma forma de potencializar suas habilidades e tentar melhorar sua interação social, bem como desenvolver sua linguagem.

Existem muitas condutas a serem adotadas frente à criança com TEA. A principal é acreditar que ela tem potencial para aprender, desde que seja oferecido o que é necessário para suas condições. Também é preciso saber que ela enxerga o mundo de uma forma diferente, que vive num mundo próprio. Alguns autistas conseguem se formar, constituir família e ter uma vida profissional independente. Há casos de autistas que nunca suspeitaram que o fossem. Por outro lado, devido à sua dificuldade em se comunicar, ou em verbalizar afeto, não conseguem, por vezes, manter um vínculo positivo com professores e colegas de sala de aula, apresentando um desempenho escolar insuficiente, aquém de suas possibilidades.

A escola inclusiva partilha da filosofia de que qualquer criança consegue aprender, fomentando oportunidades para que se desenvolvam e saibam se relacionar com os demais alunos. O psicopedagogo auxilia nesse processo, descobrindo e analisando as características comportamentais individuais do aluno com autismo em sala de aula, auxiliando a escola nos processos inclusivos, orientando o professor a promover ambientes propícios à sua aprendizagem. (BONORA, 2010; BRANCO; GLAT, 2007; GAUDERER, 1993; MITTLER, 2003).



A importância do professor no desenvolvimento da aprendizagem do aluno com TEA

Conforme Chalita (2004, p. 152), “ao escolher a profissão de educador, como a de médico ou sacerdote, o professor está comprometido com a sensibilidade humana”.

O professor deverá entender que sua tarefa não é apenas repassar um número crescente de ensinamentos (exercendo somente o papel de um mediador da aprendizagem), mas também exercer certa influência sobre a personalidade, como um todo. Isso envolve toda uma gama de fatores: emocionais, profissionais, psicológicos e sociais. “A educação é um processo que se dá através do relacionamento e do afeto para que possa frutificar. O aluno, como todo ser humano, precisa de afeto para ser valorizado.” (CHALITA 2004, p. 139).

A oportunidade de retirar o aluno com TEA do isolamento que o caracteriza depende da qualidade da relação do educador com o educando. Para Schwartzman e Júnior (1995, s/p), “quanto mais significativos para a criança forem seus professores, maiores serão as chances de ela promover novas aprendizagens”. Independente da programação estabelecida, ela só ganhará dimensão educativa quando ocorrer uma interação entre o aluno com autismo e o professor.

Com efeito:

O grande problema do educador não é discutir se a educação pode ou não pode, mas é discutir onde pode, como pode, com quem pode, quando pode; é reconhecer os limites que sua prática impõe. É perceber que o seu trabalho não é individual, é social e se dá na prática de que ele faz parte. (FREIRE 2001, p. 98).

Para Orrú (2003, p. 9), “o educador que recebe um aluno com autismo em sua sala de aula necessita exercitar e preser-

ORGANIZADORES

MARIA ISABEL FILGUEIRAS LIMA CIASCA • RAIMUNDO HÉLIO LEITE • JOCYANA CAVALCANTE DA SILVA • LUCAS MELGAÇO DA SILVA
NÁGILA RABELO DE LIMA • MARIA AUREA • MONTENEGRO ALBUQUERQUE GUERRA • PABLO CARVALHO DE SOUSA NASCIMENTO
RITA DE FÁTIMA MUNIZ • VERA LÚCIA PONTES JUVÊNCIO



var algumas características em sua personalidade como parte indissolúvel de seu compromisso com a educação”. A autora ainda crê que “uma das características indispensáveis do educador compromissado com a educação é manter-se com uma postura que o abranja como um todo, isto é, ter uma filosofia de vida que implique sua maneira de ser e de ver o mundo”. Desse modo, devemos refletir sobre nossas ações e em nossas ações, tendo sempre em vista o ensino e a educação da pessoa com autismo, levando-se em consideração seu potencial e habilidades específicas como pontos de partida. (CRUZ, 2014; ORRÚ, 2003).

O aluno autista e a avaliação inclusiva

A avaliação inclusiva acontece quando se permite identificar e atender às reais necessidades específicas de cada aluno, bem como às dos professores, e, a partir de então, tomar providências que possam efetivamente satisfazê-las, garantindo e oferecendo oportunidades diversas de escolarização para todos os alunos. (BRASIL, 1994).

A avaliação da aprendizagem do aluno tem como particularidade não estar limitada ao conhecimento do conteúdo curricular, uma vez que o aluno deverá ser abordado na sua amplitude de ser, sendo observadas todas as suas características. A avaliação deverá estar a serviço do progresso e do sucesso de todos os alunos, almejando a melhoria das respostas educativas oferecidas no contexto educacional. (BOLSANELLO, 2005; BRASIL, 1994).

O processo avaliativo desses alunos deverá ser visto “[...] como um ato amoroso, no sentido de que a avaliação, por si, é um ato acolhedor, integrativo e inclusivo” (LUCKESI, 2000, p.



172). A avaliação deverá ser um processo contínuo, ocorrendo simultaneamente ao processo de ensino e aprendizagem, não se encerrando no resultado, mas abrangendo a tomada de decisão a partir de então, objetivando corrigir estratégias de ensino e elaborando mudanças no plano de trabalho a ser executado com esse aluno. Nessa perspectiva, que traz os resultados da avaliação como indicadores para reorientar a prática educacional, jamais como meio de estigmatizar ou classificar os alunos. (BRASIL, 1994)

Nessa direção, Cavalcante (2000) assevera que não é sempre que alunos com autismo necessitam de estratégias de ensino e avaliação totalmente elaboradas e diferentes dos demais alunos. O que ocorre, muitas vezes, é que os mesmos podem necessitar de mais tempo para realizar uma avaliação individualizada e/ou diversificada. O ideal seria uma “pedagogia centrada na criança”, que incorporasse conceitos como interdisciplinaridade, individualização, colaboração e conscientização, para que os processos de inclusão, aceitação e socialização se tornassem uma experiência positiva para todos.

Conclusão

Diante do exposto, conclui-se que o papel da Psicopedagogia na inclusão escolar e na avaliação pedagógica de crianças com TEA é significativamente relevante, uma vez que leva em consideração e respeita as características intrínsecas do autismo, tendo consciência sobre o modo como esses comportamentos afetam as relações interpessoais com as pessoas que os rodeiam.

No que diz respeito ao modo de educar e avaliar esse aluno, muitas são as possibilidades. Não devemos “[...] entender

ORGANIZADORES

MARIA ISABEL FILGUEIRAS LIMA CIASCA • RAIMUNDO HÉLIO LEITE • JOCYANA CAVALCANTE DA SILVA • LUCAS MELGAÇO DA SILVA
NÁGILA RABELO DE LIMA • MARIA AUREA • MONTENEGRO ALBUQUERQUE GUERRA • PABLO CARVALHO DE SOUSA NASCIMENTO
RITA DE FÁTIMA MUNIZ • VERA LÚCIA PONTES JUVÊNCIO



este ambiente inclusivo somente em razão dos recursos pedagógicos, mas também pelas qualidades humanas” (CUNHA, 2012, p. 100). Nesse cenário, faz-se necessário ressaltar a importância do psicopedagogo nesse processo inclusivo, pois um de seus papéis é o de funcionar como intermediário nas questões sociais, de linguagem e aprendizagem, consideradas de fundamental importância na vida do autista.

Conclui-se que lidar com a escolarização e a avaliação da aprendizagem do autista não é tarefa fácil, por isso é tão importante que se conte com um quadro docente sensibilizado e qualificado, como também com métodos educacionais eficientes para se realizar essa inclusão da melhor forma possível.

Referências

ALVES, M.D.F, BOSSA, N. Psicopedagogia: em busca do sujeito autor. Disponível em < <http://www.nadiabossa.com.br/psicopedagogia-em-busca-do-sujeito-autor.html>>. Acesso em 02 de jul. de 2017.

ANDRADE, M. S. **A escrita inconsciente e a leitura invisível**. São Paulo: Memnon, 2002.

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. (DSM-IV-TR). 4a ed. Porto Alegre: Artes Médicas; 2002.

BARON-COHEN, S.; LESLIE, A. M.; FRITH, U. **Does the autistic child have a ‘theory of mind’?** Cognition, n. 21, p. 37-46, 1993.

BLANCO, L.M.V; GLAT, R. **Educação Especial no contexto de uma Educação Inclusiva**. In: GLAT, Rosana (org.) Educação inclusiva: cultura e cotidiano escolar. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.



BONORA, L.M.B. **A intervenção psicopedagógica em casos de autismo.** Centro Universitário Adventista de São Paulo – UNASP, 2010.

BOLSANELLO, M. A. ROSS, P. R.; colaboradores. **Educação especial e avaliação de aprendizagem na escola regular:** caderno 2; Universidade Federal do Paraná, Pró-Reitoria de Graduação e Ensino Profissionalizante, Centro Interdisciplinar de Formação Continuada de Professores; Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. – Curitiba: Ed. da UFPR, 2005; 84p.

BOSA, C. A. (2002). **Autismo:** atuais interpretações para antigas observações. In C. R. Baptista & C. A. Bosa (Orgs.), *Autismo e educação: reflexões e propostas de intervenção* (pp. 21-39). Porto Alegre: Artmed.

BOSSA, N. A. **A Psicopedagogia no Brasil:** contribuições a partir da prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

BRASIL, MEC/SEESP. **Política Nacional de Educação Especial.** Brasília. 1994.

BEREOHFF, A. M. P. **Autismo, uma visão multidisciplinar.** São Paulo, GEPARI, 1991.

CARVALHO, E.G.A; CUZIN, M.I. (orgs). **Psicopedagogia institucional e sua atuação no mercado de trabalho.** Campinas. SP: FE/UNICAMP, 2008.

CAVALCANTE, R.S.C. **A inclusão do aluno com necessidades educacionais especiais na sala de aula do ensino regular:** o papel do professor. *Temas sobre Desenvolvimento*, v. 9, n. 52, p. 31-5, 2000.

CHALITA, G. **Educação:** a solução está no afeto. 18ª ed., São Paulo: Editora Gente, 2004.

COELHO, E. (2003). **Autista ou uma Forma Diferente de Compreender o Mundo.** Porto: Universidade Portucalense (Projecto de Investigação).

ORGANIZADORES

MARIA ISABEL FILGUEIRAS LIMA CIASCA • RAIMUNDO HÉLIO LEITE • JOCYANA CAVALCANTE DA SILVA • LUCAS MELGAÇO DA SILVA
NÁGILA RABELO DE LIMA • MARIA AUREA • MONTENEGRO ALBUQUERQUE GUERRA • PABLO CARVALHO DE SOUSA NASCIMENTO
RITA DE FÁTIMA MUNIZ • VERA LÚCIA PONTES JUVÊNCIO



CORREIA, L. M. & SERRANO, A. M. (1998), **Intervenção Precoce centrada na família**: uma Perspectiva Ecológica de Atendimento. In Envolvimento Parental na Intervenção Precoce, Porto: Porto Editora.

CRUZ, T. Autismo e Inclusão: experiências no Ensino Regular. Jundiaí: Paco Editorial, 2014

CUNHA, E. **Autismo e inclusão**: psicopedagogia e práticas educativas na escola e n a família. 4 ed. Rio de Janeiro: Wak, 2012.

DOURADO, F. Autismo e Cérebro Social: compreensão e ação. Fortaleza: Premius, 2012.

FREIRE, P. **A pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

GADIA, C. A., TUCHMAN R., ROTTA, N.T. **Autismo e doenças invasivas de desenvolvimento**. Jornal de Pediatria , 2004, Supl/S83.

GAUDERER, C.E. **Autismo e outros atrasos do desenvolvimento**: uma atualização para os que atuam na área; do especialista aos pais. Brasília: MASCORDE,1993.

GADIA, C.; TUCHMAN, R., & ROTTA, N. (2004). **Autismo e doenças invasivas do desenvolvimento**. Jornal de Pediatria, 80, 583 - 594.

HOWLIN P, Rutter M. **The treatment of autistic children**. Chichester, UK: Wiley; 1987.

LAZNIK-PENOT, M.C. **Rumo à Palavra**: Três Crianças Autistas em Psicanálise. São Paulo: Editora Escuta, 1997.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 10. ed. São Paulo: Cortez. 2000.

MARQUES, C. E. (2000). **Perturbações do Espectro do Autismo**. Coimbra: Editorial Quarteto.



MISSEL, A; FONSECA, S A; **Autismo**: auxílio ao desenvolvimento antecipadamente. Revista Pós-Graduação: Desafios Contemporâneos v.1, n. 1, jun/2014.

MITTLER, P. **Educação inclusiva**: contextos sociais. trad. Windy Brazão Ferreira. Porto alegre: Artmed, 2003.

PEREIRA, E. (1996). **Autismo**. Do Conceito à Pessoa. Lisboa: Secretariado Nacional de Reabilitação.

ORRÚ, S.E. **A formação de professores e a educação de autistas**. Revista Iberoamericana de Educación 31, 01-15, 2003.

OZONOFF, Sally [et al] (2003). **Perturbações do Espectro do Autismo**: Perspectivas da Investigação Actual. Lisboa: Climepsi Editores.

Organização Mundial da Saúde. **CID-10 Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde**. 10a rev. São Paulo: Universidade de São Paulo; 1997. vol.2.

PEREIRA, E. **Autismo**: Do Conceito à Pessoa. Lisboa: Secretariado Nacional de Reabilitação, 1996.

Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão. Ministério Público Federal: Fundação Procurador Pedro Jorge de Melo e Silva (organizadores). **O Acesso de Alunos com Deficiência às Escolas e Classes Comuns da Rede Regular**. 2ª ed. rev. e atualiz. Brasília: Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão, 2004.

SCHWARTZMAN, J.S; ASSUMPCÃO JR, F.B. **Autismo infantil**. São Paulo: 1995.

SURIAN, L. Autismo: informações essenciais para familiares, educadores e profissionais da saúde. São Paulo: Paulinas, 2010.

WEISS, M.L.L. **Psicopedagogia clínica**: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar. 13º Ed. Rio de Janeiro - RJ: Lamparina, 2008.

ORGANIZADORES

MARIA ISABEL FILGUEIRAS LIMA CIASCA • RAIMUNDO HÉLIO LEITE • JOCYANA CAVALCANTE DA SILVA • LUCAS MELGAÇO DA SILVA
NÁGILA RABELO DE LIMA • MARIA AUREA • MONTENEGRO ALBUQUERQUE GUERRA • PABLO CARVALHO DE SOUSA NASCIMENTO
RITA DE FÁTIMA MUNIZ • VERA LÚCIA PONTES JUVÊNCIO